

A VOZ DO COMERCIO

QUINZENARIO DOS CONTABILISTAS E GUARDA-LIVROS



IGNIS-PORTO

Toda a correspondência deve ser dirigida á Redacção.

OS ORIGINALS NÃO SE RESTITUEM

Comp. e imp. na Tipografia ARTES & LETRAS
Rua Fernandes Tomás, 915-PORTO

ASSINAURAS

(Pagamento trimestral adiantado)
CONTINENTE 8800
COLONIAS 13800
ESTRANGEIRO 28800

Numero avulso-3800

Redacção e Administração
R. Santa Catarina, 502-PORTO-(Portugal)

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ANTONIO MARTINS DA FONSECA

EDITOR
ALBERTO FERNANDES LEAL

2.º ano

Pôrto, 1 de Fevereiro de 1930

N.º 27

RICARDO DE SÁ

De entre os vultos aos quais, por variadas razões de ordem scientifica, artistica, literária ou moral, «A Voz do Comercio» tem consagrado e consagrará palavras de louvor, impõe-se naturalmente ao nosso espirito como uma figura proeminente, pelo seu grande talento, honestidade inconcussa e caracter integro, a nobre personalidade do falecido contabilista Ricardo José de Sá.

Não vimos traçar a sua biografia, que é longa de mais, para se conter em duas ou três colunas do nosso quinzenário.

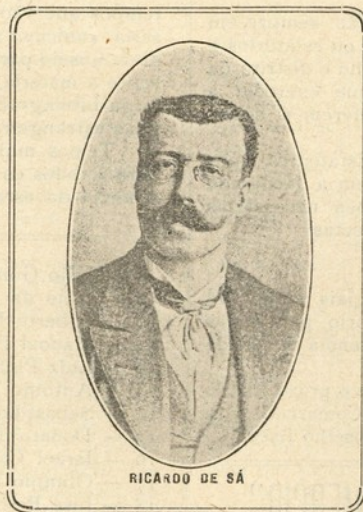
Tambem não é nossa intenção alongar-nos em extensas considerações e análises da vida pública, do notavel chefe de escritório, nos diferentes campos em que bem vincou a sua actividade, tres dos quais nos deveriam merecer especiais atenções: o magisterio comercial, onde a sua acção benéfica, se fez sentir ostensivamente, formando numerosos guarda-livros dignos desse nome; o da bibliografia contabilista, legando-nos notáveis compendios sobre a sciencia de Guibault e Leautey, e, finalmente, o juridico, onde pelos admiraveis pareceres que emitiu em muitos exames de escrita, derivados de diversos pleitos, conquistou os mais calorosos elogios dos advogados e juizes que neles intervieram!

Não! Vimos simplesmente, nos tempos que vão correndo de profundo desânimo e grande carência de valores em todas as esferas de actividade mental, reender o nosso modestissimo preto, a uma alta figura desaparecida, que infelizmente não deixou successor.

Modesto, sem fazer alarde do seu valor, nem pretender amesquiuhar os que yaliam menos, conquistou por esse facto a estima de todos quantos dele se aproximavam, e, na 5.ª Cadeira de escrituração do Ateneu Commercial de Lisboa, de que era professor proprietario, evidenciou as

suas altas qualidades de Mestre sabedor, regendo a supradita disciplina com elevado criterio e particular carinho, contribuindo largamente para o desenvolvimento do ensino comercial no nosso País, onde hoje se encontra em tão elevado grau como o que se ministra nas mais progressivas nações.

O nosso homenageado não tem o seu nome restricto á sua Pátria; na grande



RICARDO DE SÁ

capital franceza, mostrou êsse cérebro potentissimo o que valia, honrando não só a colectividade que representava, como tambem Portugal, pois mostrou ser o caixeiro entre nós, constituído por uma classe culta, que possuia entre os seus membros homens de larga envergadura, de grande mérito e de mentalidade cultivada.

Exerceu o logar de chefe da contabilidade geral do Banco Nacional Ultrama-

rino, cargo que desempenhou com proficiencia excepcional, sendo a sua opinião reputada como infalivel e gosando da maior consideração entre os Corpos Gerentes daquela alta entidade financeira.

Os seus artigos sobre calculo e escrituração comercial, dispersos por várias revistas, eram lidos com avidez, e, as consultas sobre casos intrincados, choviam no seu gabinete de trabalho, esclarecendo-as Ricardo de Sá com uma amabilidade incomparavel e os mais profundos conhecimentos do seu «métier».

O notavel professor publicou em meados de 1903 o seu «Tratado de Contabilidade», iniciado em 1898, livro em que além das teorias da escrituração, nos apresenta um modelo de uma escrita completa, servindo para os estudiosos praticarem e adquirirem assim facilidade na execucao das doutrinas expostas sabiamente, revelando o mais aturado estudo e um sólido cabedal scientifico.

Este compendio, de que em 1919 foi publicada uma segunda edição, anotada pelo ex.º sr. Antonio Corrêa de Pinho, figura nas estantes da quasi totalidade dos guarda-livros sabedores e estudiosos, pois constitue um guia utilissimo para todos aqueles que desejem conhecer os principios racionais em que se baseia a Sciencia das Contas.

Ricardo de Sá, professor distintissimo e publicista didáctico de invejaveis méritos, deixou um logar que até hoje ainda não foi preenchido, porque êle aliava á sua Competencia inegalavel, as mais excellentes qualidades de um bom e leal companheiro de trabalho, educador e amigo como poucos, nunca deixando de esclarecer e elucidar todos aquêles que a êle recorriam, em momentos de hesitação e embaraço, nas suas lides contabilistas.

Francisco Guimarães.

Verbetes de sociedades com a inclusão dos respectivos balanços

Recebemos da Direcção Geral de Estatística, circular que a seguir reproduzimos.

«Tornando-se necessário dar pleno cumprimento ás disposições do decreto n.º 16.927, de 1 de Junho de 1929, rogo a V. Ex.ª a sua valiosa cooperação no sentido de tornar bem conhecidas, nessa localidade, as que, nos termos dos artigos 5.º e 6.º e seus parágrafos do referido decreto, obrigam todas as sociedades existentes no continente e ilhas (não excluindo mesmo as irregularmente constituídas), a remeterem á Direcção Geral de Estatística os «Verbetes de Sociedade», devidamente preenchidos, com a inclusão dos respectivos balanços referidos a 31 de Dezembro de 1929, como determina o artigo 137.º da parte VII (Disposições Gerais) do decreto n.º 16.731 (Reforma Tributaria) de 13 de Abril de 1929.

Os impressos dos «Verbetes de Sociedade» serão posto á venda em todas as Tesourarias da Fazenda Pública, durante o mês de Março, devendo ser entregues na Direcção Geral de Estatística, de 1 a 15 de Abril do corrente ano »

Art.º 5.º do Decreto n.º 16:927:

Ficam obrigadas todas as sociedades com sede ou estabelecimento no continente da Republica e ilha^s adjacentes a enviar á Direcção Geral de Estatística uma cópia do seu balanço anual, logo que aprovado em assembleia dos socios. As sociedades ou empresas obrigadas, por lei ou contrato, a publicar relatorios e contas de gerencia enviarão, em vez da cópia antes referida, um exemplar desse relatorio e contas logo que aprvado em assemblea.

As sociedades ou emprêzas indicarão sempre em local bem visivel, ao alto dessas cópias ou relatorios e contas, a sua designação social, o concelho e distrito da sua sede, a industria ou comercio em que exercem a a sua actividade e o ano a que se referem a cópia, relatorio e contas.

§ 1.º—A Direcção Geral de Estatística, por intermédio da repatição competente, tem a faculdade de exigir das sociedades as explicações necessárias para o perfeito entendimento das suas cotas:

Art.º 137.º do Decreto n.º 16:731:

O ano social das sociedades comerciais coincidirá sempre com o ano civil, sendo obrigatorio para todas o encerramento das contas com referencia a 31 de Dezembro de cada ano.

§ único. Fica reduzido a três mezes o prazo fixado no § único do artigo 179.º do Código Commercial para aprovação do balanço e relatorio do conselho fiscal.

AMIGOS DE "A VOZ DO COMERCIO"

Em Dezembro apresentaram no os assinantes os seguintes senhores, a quem, por isso, estamos profundamente gratos.

- 1 — José Antonio de Magalhães. — Porto.
- 2 — Francisco Guimaraes. — »
- 3 — Rufino Pinto — »
- 4 — Francisco Paulo Rato. — Covilhã.
- 5 — Eduardo Marques Sequeira. — Vizeu.
- 6 — José Marques Batista. — Coruche.
- 7 — Mario Simões. — Coimbra.

LIVROS E PUBLICAÇÕES

«O Guarda-Livros Moderno»

O distinto Prof. Snr. *Giudicelli Jean Brando* teve a penhorante gentileza de oferecer com palavras amigas a «Voz do Comercio» o livro da sua autoria: «O Guarda-Livros Moderno». — 5.ª edição — 19.º milheiro—que contem precisos ensinamentos do maximo interesse para todos os empregados no comercio, como se pode avaliar pelo excerto: «Calculo de Facturas Estrangeiras», publicado a paginas 41 do presente numero deste Quinzenario.

Agradecemos profundamente reconhecidos tão cativante oferta.

Programa de um Curso Complementar Teórico de Estenografia do Congresso da República por MANOEL REIS DE SANCHES FERREIRA

Trata-se, como se vê pelo titulo, dum programa destinado a uma parte complementar teórica do curso de estenografia na escola de taquigrafia do parlamento português. Tendo, para este trabalho, sido escolhido o Sr. M. R. de Sanches Ferreira, achamos que este senhor se saiu muito bem da incumbencia. Este trabalho revela no seu autor vastos conhecimentos de historia da estenografia e da sua bibliografia, a par de criteriosas qualidades de compilador e coordenador. Como já dito, trata-se dnm programa. O que seria optimo é que, a seguir, o seu ator publicasse uma obra em que fossem desenvolvidos os pontos que aflorou. Tal publicação, que não sabemos se, nos tempos que vão correndo, será viavel em Portugal, seria «unica», supomos nós, em lingua portuguesa, e daria ensejo para uma boa aquisição de conhecimentos sobre a materia, aqueles que não podem consultar a larga bibliografia sobre este assunto existente em linguas estrangeiras.

Temos muito prazer em recomendar a presente obra a todos os nossos leitores que se interessam pela sciencia da estenografia.

- 8 — Julio Gomes dos Santos. — V. N. de Gaia.
- 9 — Julio da Fonseca Fortuna. — Covilhã.
- 10 — Alberto Henrique de Souza. — Setubal.
- 11 — Manoel Francisco Palma. — »
- 12 — Luiz Pinho. — Louzã.
- 13 — Antonio Antunes Matias. — Setubal.
- 14 — Sebastião Mendes. — Porto.
- 15 — Donato de Almeida. — Vizeu.
- 16 — Israel Cagi. — Lisboa.
- 17 — Olimpio Medina. — Coimbra.
- 18 — José Pereira da Costa. — Bairro-Minho.
- 19 — Manoel Joaquim Afonso. — Angra do Heroismo.
- 20 — Antonio Corrêa da Ponte. — » »
- 21 — Amadeu Ferreira Soares. — Braga.
- 22 — José Augusto Fernandes. — »
- 23 — Antonio Guedes Pinto Cerdeira. — Barcelos.
- 24 — Miguel Fonseca Lucio. — Tortozendo.
- 25 — Joaquim Augusto Faria. — Lisboa.
- 26 — Americo Isidoro Augusto Azevedo. — Porto.
- 27 — Amadeu de Almeida — »
- 28 — Candido Raposc. — Faro.
- 29 — Direcção do Banco Nacional Ultramarino — Manaus-Brazil.

SECCÃO TÉCNICA

BANCOS COLONIAES QUESTÕES ORGANICAS

A aplicação dos principios que Taylor preconizou e que foram sucessivamente applicados pelos seus mais eminentes sequazes a todas as especies de industria e, posteriormente, já nestes ultimos tempos, as explorações commerciaes, incluindo as de natureza bancaria, tem de tal modo apaixonado os iniciados que não raro se notam exageros que, em vez de beneficiarem, prejudicam essas explorações.

Teriamos, a dentro do campo industrial, exemplos vivissimos que nos permitiriam uma larga controversia; mas queremos limitarmo-nos ás organizações bancarias e, dentro delas, ás coloniaes.

Não se julgue, porem, que somos adversarios do taylorismo. Não; de modo algum. O que somos é contra o exagero na applicação do sistema e contra a propaganda feita, muitas vezes, sem conhecimento da materia, condusindo a iluões que podem ter graves consequencias, até de natureza social.

Em que consiste, fundamentalmente, o taylorismo?

Define-o a Conferencia Economica de Genebra nos seguintes termos:

«Donner au travail son maximum d'efficacité avec le minimum d'efforts».

Tradusamos por palavras nossas e ampliemos o significado da expressão:

«Aproveitar e organizar o trabalho humano, em cooperação com o trabalho das maquinas, de modo a que, dentro do mesmo espaço de tempo, se obtenha uma eficiencia cada vez maior».

Tem a nossa definição pontos atacaveis? E' de presumir; mas a da Conferencia de Genebra tem-nos tambem e de maior relêvo.

Assim, com as palavras *«Avec le minimum d'efforts»*, parece que se pretende que cada individuo faça o menor esforço possivel, que é como quem diz: que trabalhe o menos possivel.

Ora é precisamente o contrario d'isso que se procura obter, ou seja: que cada individuo produza o maximo de trabalho possivel, dentro do espaço de tempo das horas normaes de trabalho.

Não temos, pois, que tomar a palavra *«efforts»*, no sentido generico, mas sim apenas como significando *«quantidade de energia dispendida para, em determinado tempo, produzir determinada quantidade de trabalho».*

Mas, deixemos definições e vejamos o assunto que nos propomos tratar, ou seja a organização dos bancos coloniaes segundo os modernos processos de organização scientifica do trabalho.

Em 1928 publicou Roger Alheinc, director do Banco Nacional Francês do Comercio Externo, um opusculo sob o titulo *«Organisation Bancaire»* que é vulgarmente citado como uma obra prima de organização.

Não nos atrevemos a contestar a eficacia da organização preconizada, mormente se ela fór posta em pratica na Europa, dentro dum mesmo paiz, com toda a facilidade de Comunicações, com a applicação simultanea dos mesmos metodos quer nos seus correspondentes, quer na sua clientela.

Mas, duvidamos, ou melhor, temos a certeza de que a applicação integral do sistema á organização dos bancos coloniaes é impossivel, mercê das circunstancias especiaes em que estes funcionam.

No estudo, já citado, de Roger Alheinc atribuem-se as duas funções principaes dum banco — relações com o exterior, isto é, com a clientela e organização funcional dos serviços — a uma só entidade como dirigente, como orientadora, como fiscalisadôra, como gestôra mesmo: — o director geral.

Diz Roger Alheinc: *«Le directeur général est le représentant de la banque à l'extérieur et devant le conseil, et il est à l'intérieur de la banque, surtout et avant tout, le répartiteur des fonctions et parlant des responsabilités».*

Muito bem, mesmo muitissimo bem num banco em Lisboa, ou em Paris ou em Londres, com o telefone a ligar ás agencias, sucursaes ou filiaes, com correio diario rapido, com o telegrafo, com jornaes diarios, com informações de toda a especie e a toda a hora.

Assim compreende-se que o director geral dum banco tenha na mão todos os fios condutores, atravez dos quaes recebe e transmite, a cada momento, informações, soluções e resoluções.

Nessas circunstancias a função dum gerente, quer duma filial ou sucursal, quer duma agencia é quasi automatica, acionada pelos cordelinhos do director geral.

São, então, gerentes que não gerem; são chefes de serviço apenas. Não necessitam de ter um espirito especialmente educado para a execução das transações bancarias; não precisam de ter a acuidade, o sentimento dos negocios — *le sens des affaires* —.

Podem mesmo, ser pouco intelligentes e sem iniciativa propria; podem desconhecer o meio em que atuam, a propria orientação geral e particular dos negocios do banco. Bis a que sejam, como judiciosamente critica D illac *«des machines humaines bien équilibrées».*

Somos mesmo de opinião que podem ser substituidos por modelos do homem automatico que a maduresa de um engenheiro inglês creou, ha pouco tempo.

A teoria de Roger Alheinc inspirou-se, certamente, nas experiencias da direcção dos torpedos por meio da corrente electrica, ou da direcção das aeronaves por ondas hertzianas.

Mas Roger Alheinc nunca se deu ao trabalho de estudar as condições em que funcionam os bancos coloniaes; porque, se tal tivesse estudado, não partiria do principio que um director geral, sentado em frente da sua secretaria em Paris, podia dirigir e acompanhar de perto, a todo o momento, os negocios duma agencia em Pointe Noire, outra em Brazaville, outra em Libreville, etc.

E não só não poderia devido á carencia de comunicações e de informações, como tambem pela diversidade de operações de agencia para agencia e, finalmente, por rasão das oscilações dos mercados locais de que é necessario ter um conhecimento immediato,

que, na melhor das hipoteses, leva 24 horas a chegar até elle.

Temos, entre nós, um exemplo flagrante: O Banco de Angola possui espalhadas pelo territorio daquella colonia e pelo Congo Belga, varias agencias. Em Angola tem-nas em Loanda, Benguela, Mossamedes, Lobito, Novo Redondo, Cabinda, Silva Porto, Nova Lisboa, Sá da Bandeira, Malange e Moxico; no Congo belga em Leopoldville e Boma.

Não só as communicações de ida e regresso, para Lisboa, telegraficamente, pela via urgente, demoram um minimo de 48 horas, como ha uma diversidade completa de transações. Loanda e Novo Redondo trabalham com os exportadores de café e de oleaginosas; Benguela, Lobito, Sá da Bandeira e Silva Porto com os exportadores de cêra, de milho e de trigo; Mossamedes e Sá da Bandeira com a exportação de peixe, de gado e de couros; etc. etc.

Os mercados portuguezes ou estrangeiros para onde se exportam aqueles productos são diversos e de diversas nacionalidades, sujeita a exportação, portanto, a regras e costumes diversos.

Por seu turno, a maneira de trabalhar de cada uma das praças exportadoras é diferente, como diferentes são as epochas em que essa exportação se faz, os processos adotados, etc.

Isto é: de região para região muda completamente o aspecto das transações commerciaes e, implicitamente, o das operações bancarias.

Como é, pois, que o snr. Roger Alheinc queria aplicar o seu principio de centralizar no director geral a resolução das operações, uma vez que estas estão sujeitas a variarem infinitamente de formula, a cercarem-se de circumstancias inteiramente diversas de caso para caso e de momento para momento?

O snr. Roger Alheinc prevê, contudo, difficuldade em obrigar a clientela a executar as suas transações segundo um certo e determinado numero de tipos a crear, tanto assim que nos diz:

«Il n'est pas impossible de discipliner partiellement la clientèle, au moins en ce qui concerne les clients très importants entretenant avec la banque des relations continues».

(Continua)

QUIDAM.

CALCULOS DE FACTURAS ESTRANGEIRAS

INTRODUÇÃO

O calculo de uma factura estrangeira é o mesmo que se tivéssemos de calcular os diferentes gastos que correspondem a cada membro de uma sociedade, distribuindo-lhe as diversas despesas feitas.

Os socios representariam, neste caso, os diferentes artigos, cujo preço de custo desejamos conhecer. E' necessario, pois, dar a cada artigo, ou a cada socio, a parte de gastos a que deu motivo, começando no custo da origem, até chegar ás mãos do freguez e não no armazem, porque ao nosso modo de ver, isto é incompleto para a venda do artigo.

E', em uma palavra, uma repartição proporcional.

Ha commerciantes que calculam a factura sómente até chegar ao estabelecimento.

Não comprehendemos porque não se tomam em consideração os gastos que o commerciante tem no seu negocio, taes como alugueis de casa, salarios, agua, luz e outros, inclusive os seus proprios. Todas essas despesas são naturalmente creadas pelas mercadorias e é justo que se dê a cada objecto uma quota que corresponda á sua parte nesses gastos, que chamaremos gastos internos».

Para se encontrar a percentagem que se tem de augmentar em cada artigo, é necessario que o commerciante, no fim de um balanço geral annual ou semestral, saiba qual é a media total das mercadorias entradas no seu armazem, como tambem os «gastos internos» havidos durante esse mesmo tempo.

Para sermos mais explicito daremos um pequeno exemplo pratico

O guarda livros da casa diz que durante o anno, ou seis mezes, tivemos uma entrada mensal de mercadorias, termo medio de 80:000\$, e 8:000\$ de despesas geraes, tambem termo medio nesse mesmo tempo. Teriamos, pois, a percentagem seguinte:

Si sobre 80:000\$ temos 8:000\$ de despesas, sobre

$$100\$000 \text{ teremos } X, \text{ ou: } \frac{8:000\$ \times 100\$}{80:000\$} = 10\%.$$

Não se comprehende, tão pouco, porque outros desprezam o augmento sobre o preço do custo, dos juros correspondentes á factura que todo commerciante estrangeiro cobra pelas mercadorias vendidas.

Devemos considerar que qualquer mercadoria entrada, pode ficar no negocio, mais ou menos 6 mezes, termo medio; ha artigos que se venderão antes dos 6 mezes, e outros depois desse prazo. Acreditamos que os 6 mezes sejam o termo medio conveniente na generalidade dos casos. Assim devemos augmentar o preço de custo da factura estrangeira, 4 ou 6% conforme seja a taxa e por 6 mezes.

Si a factura fór a dinheiro, com mais razão ainda, porque temos que accrescentar então os juros do dinheiro que figuramos por hypothese, ir tirar de um banco, sendo a taxa nesse caso muito mais elevada.

Emfim, devemos tambem accrescer, sobre o preço dos artigos, os juros correspondentes ao dinheiro desembolsado para pagar os despachos da Alfandega, direitos esses, na sua maioria, exorbitantes e que geralmente excedem á mesma importancia da factura.

Si desprezarmos alguns desses elementos, absolutamente necessarios, nunca poderemos ter o verdadeiro preço de custo das mercadorias

Acontece, pois, que muitos commerciantes estão enganados quando acreditam liquidar tal ou qual mercadoria a preço de custo sem perder nada: liquidam na realidade as suas mercadorias a preço de perda.

Insistimos detidamente sobre este ponto, porque depois de visitar diversas casas desta praça, adquiriamos a certeza de que este é um erro quasi geral.

Ha negociante que diz: calculo o preço de meus

artigos do modo seguinte: uma mercadoria que, posta no armazem, me custa 100\$, por exemplo. Lhe aumento 60 ou 70 %, mais ou menos, e isso dará para juros, gastos, lucros, etc.

Calculo da factura N.º 1

1.ª PARTE

Como se trata de um são artigo, o seu calculo não offerece nenhuma dificuldade.

Custo da factura na origem Frs.	1.075,00	
Despesas	53,00	
Cambio 0\$600 por	1.128,00	676\$800
Despacho de alfandega		1:156\$065
		<u>1:832\$865</u>

Dividimos agora 1:832\$865 pelos 1.200 kilos. Teremos assim o preço de 1 kilo de manteigia posto no armazem : $\frac{1:832$865}{1.200} = 1$527$.

2.ª PARTE

Agora continuamos os calculos para obter o preço de custo de 1 kilo de manteigia para a venda.

Augmentar 4% por 6 mezes pelos juros, sobre a importancia da factura que o comerciante cobra pela manteigia: $\frac{4 \times 676$800 \times 6}{100 \times 12} = 13$536$

Augmentar 10 % por 6 mezes sobre a importancia da nota de despacho; quantia que o comerciante tirou do banco para pagar o despachante: $\frac{10 \times 1:156$065 \times 6}{100 \times 12} = 57$831$

Augmentar 12 % sobre o valor da factura posta no armazem «Gastos internos» que todo commerciante (um mais outro menos) tem no seu negcioio $\frac{12 \times 1:832$865}{100} = 219$945$

Total definitivo 1:124\$177

PREÇO DE CUSTO	
No armazem	Para a venda
1\$527	1\$770

Dividimos esse total pelos 1.200 kilos e teremos o preço de custo de 1 kilo de manteigia para a venda.

$$\frac{2:124$177}{1.200} = 1$770$$

NOTA — Augmenta-se agora o lucro que se deseja obter o preço da venda.

(Continua)

Prof. G. Jean Brando.

Um estudo completo dos principios fundamentais da contabilidade deve fazer parte do equipamento de todo o homem de negcioio.

O facto   que a contabilidade moderna se infiltra virtualmente em todas as profissões, menos a medicina e ama ou duas mais.

Não penso que a contabilidade precise ser ou deva ser a ultima finalidade, porem o seu conhecimento   um degr o importante na esca-da que leva ao sucesso comercial.

PERCY H. JONSTON

Vice-Presidente da Chemical National Bank de New-York.

ENTRE LEITORES

CONSULTA N.º 12

Ill.º Sr. Director de «A Voz do Comercio»

Porto.

Amigo e-Snr.

Pedimos a sua boa atenc o para o seguinte. Em todos os tratados de Escriturao que temos consultado verificamos que usam saldar no fim do Exercicio a conta de DESPEZAS GERAIS por débito da de PERDAS E GANHOS parece-nos no entanto que a conta de DESPEZAS GERAIS deveria antes saldar por debito de FAZENDAS GERAIS ou ARMAZEM, visto que esta conta   que d  quasi exclusivamente origem  s aludidas despezas alem do que nos não parece logico que a conta ARMAZEM ou FAZENDAS GERAIS apresente um lucro bruto, quando todas as outras contas o apresentam líquido. Acresce a isto que pode ainda dar-se o caso de DESPEZAS GERAIS apresentar uma importancia superior ao da conta de FAZENDAS GERAIS, e neste caso no lançamento que se faz desta,   irrisorio dizer-se lucro desta conta, quando na verdade ela deu prejuiso. Se lhe merece atenc o Sr. Director, este assunto c  espero na seco respectiva do seu jornal os respectivos comentarios.

De V.

Antonio Correia da Ponte.

Outra soluço   consulta n.º 8 (de 15-7-929)

O commerciante que necessitou de arranjar numerário por meio de letra de favor, como vulgarmente se diz, p de, a meu modo de v r, contabilisar a operao do seguinte modo:

O numerário produzido pelo desconto da letra, d  entrada em caixa, por crédito da conta do banqueiro que a descontou e simultaneamente deve abrir as seguintes contas de ordem:

**RESPONSABILIDADES
a CR DORES POR RESPONSABILIDADES**

F. (avalista)

Estas contas são saldadas, por lançamento in verso quando f r solvido o compromisso da letra.

Se se tratar duma letra de facto comercial, o numerário produzido pelo desconto da letra d  entrada em caixa, por crédito da conta «Letras a Receber», ficando assim a conta de «Letras a Receber» saldada. O compromisso tomado para com o avalista, deverá ser contabilisado da mesma f ra a como no primeiro caso.

Há quem use, para mais facilmente saber quais as letras descontadas nos diversos bancos, e quais os aceitantes, as seguintes contas, tambem de ordem:

**DEVEDORES POR LETRAS DESCONTADAS
a LETRAS DESCONTADAS**

A primeira conta descremina os nomes dos aceitantes e a segunda o dos banqueiros, aonde as letras foram descontadas. Saldam por lançamento in verso quando f r avisada a cobrança da letra.

Estas duas contas devem ter os seus livros auxiliares

Quelimane, 2 de Dezembro de 1929.

José da Costa Xavier
Chefe da Contabilidade dos Caminhos de Ferro de Quelimane.

Resposta á consulta n.º 9

O caso apresentado pode ser resolvido por duas formas:

1.ª forma

DIVERSOS
a DEVEDORES E CREDITORES
COTA DA SOCIEDADE
a Fulano
Pelo importe de s/ cota, adquirida conforme escritura desta data. \$
FUNDO DE RESERVA
a Fulano
Pela sua parte neste fundo \$

E' natural que estas duas verbas não liquidem exactamente a conta do socio cedente, tendo então de ser saldada por CAIXA, recebendo-se ou pagando-se a diferença.

2.ª forma

CAIXA
a DEVEDORES E CREDITORES
a Fulano
Recebido por saldo \$
DIVERSOS
a CAIXA
COTA DA SOCIEDADE
Pago pela cota adquirida ao socio
Fulano, conforme escritura nesta data \$
FUNDO DE RESERVA
Pago s/ parte neste fundo \$

A forma a adoptar depende dos termos em que tenha sido lavrada a respectiva escritura.

Porto, 1930.

Arnaldo Moreira.

ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DAS PARTIDAS DOBRADAS

(Continuação)

Na idade media a Hespanha teve um commercio poderoso, — e as suas relações se estenderam pelo mundo inteiro atingindo um alto grau de desenvolvimento. Por isto se tem pretendido que a Hespanha tenha sido o berço das partidas dobradas, — tanto mais que o sistema dos algarismos arabes já lhe era conhecido no seculo X, ao passo que a Italia só veio a conhecê-lo no seculo VII. Nenhuma prova, porém, existe que a Hespanha conhecesse as partidas dobradas já no primeiro quartel do seculo XVI, — como acontece com a Italia. O livro commercial mais antigo que a Hespanha possui é o do armador Pinzon, cuja casa é conhecida por haver fornecido subsídios a Christovam Colombo.

Tal livro não é escripturado por partidas dobradas.

As primeiras obras sobre escripturação apparecem na Hespanha no seculo XVI. Diego del Castillo publica o seu *Tratado de cuentas* em 1522; depois, em 1465, apparece o livro de Antich Rocha — *Compendio y breve instruction por tener Libros de Cuenta*. Em 1590 apparece a obra de Salvador de Solorzano — *Libro de caxa y Manual de Cuentas*.

A obra de Antich Rocha é pura e simplesmente uma traducção da obra hollandeza de Valentim Mehner — o segundo livro apparecido na Hollanda, publicado em 1550.

A historia das outras nações não nos apresenta um só documento por onde se veja que o methodo das partidas dobradas era já conhecido fóra da Italia em 1340, quando neste paiz se descobriram os celebres livros da «massaria», a que nos temos referido, e no qual o methodo das partidas dobradas apparece já em sua perfeição, com o complexo das contas que o caracterisam.

A Italia é o paiz de origem, é o paiz d'onde para as outras nações sahiu a escripturação por partidas dobradas, como é o berço por excellencia da cultura scientifica da contabilidade.

A primeira obra sobre as partidas dobradas appareceu em veneza, no anno de 1494. E' seu auctor o franciscano **Luca Paciolo**, mathematico insigne, e

incontestavelmente o primeiro escriptor que se occupou do methodo incomparavel. **Luca Paciolo** não inventou o methodo como erradamente se tem affirmado, — mas foi tão sómente o primeiro e grande expositor das partidas dobradas (1)

A obra de **Paciolo**, apparecida em Veneza em 1494, tem por titulo *Summa de arithmetica, geometria, proportioni et proportionalita*.

Numa das partes em que se divide esta obra encontra-se um *Tractatus particularis de Computis et Scripturis*. Neste tratado expõe **Paciolo** o methodo das partidas dobradas applicado ás administrações mercantis. E' factó hoje reconhecido pela historia da contabilidade que o tratado pacioloano é o mais antigo que se conhece. **Luca Paciolo** é, portanto, considerado como o primeiro expositor das partidas dobradas.

Fóra da Italia se reconhece tambem em **Paciolo** o primeiro expositor deste methodo de escripturação. **Libri**, por exemplo, na sua — *Histoire des sciences mathématiques* — assim se exprime: «C'est par exemple dans un traité de commerce inséré dans cette «somme» que l'on trouve pour la première fois la tenue des livres en partie double». O desconhecimento da obra de **Paciolo** tem induzido alguns escriptores a erro grosseiro. **Massimino Vissian**, por exemplo, traductor italiano do livro de **Valentim Poitrat**, dá, em 1844, como inventar do methodo das partidas dobradas a um monge italiano do seculo XV, por nome **Francesco Dellapietra**. O erro de **Vissian** é repetido, vinte annos mais tarde, pelo tratadista **Garnier**, auctor de não pequeno valor. **Vito Cusumano**, na sua excellente *Storia dei banchi privati*, diz que se suppõe ser inventor das partidas dobradas o frade beneditino Angelo Senisio, em 1348. Nenhum trabalho, porém, existe do alludido frade que justifique a supposição.

O tratado de **Paciolo** se compõe de trinta e seis capitulos.

Em tres livros ensinava elle que se deviam lançar as contas.

O primeiro, chamado *memoriale*, e tambem *vacchetta* ou *scartafoglio*, era o livro em que as operações se deviam registrar á medida que se iam succedendo,

difusamente, sem omisção de uma só letra, de um só esclarecimento, — *non lasciando un jota, il chi, il che, il quando, il dove, con tutte sue chiarezze e menzione.*

E' interessantissimo o capitulo em que **Paciolo** trata do *memoriale*.

Neste livro, — diz ele, — todos podem escrever: o proprietario, — *principale*, — os administradores, os caixeiros e até mesmo as mulheres. E isto porque bem pôde acontecer que estejam fóra o proprietario e seus empregados, nas feiras ou nos mercados, e então, para que não cessem os negocios, têm as mulheres de comprar e vender, pagar e receber, — e de tudo fazer assento, — segundo as ordens e instrucções impostas pelo *principale*.

Nesse capitulo o frade toscano nos diz que era costume entre os negociantes verdadeiramente catholicos marcar os seus primeiros livros com aquelle sinal glorioso do qual foge todo o nosso infernal inimigo espirital, e á vista do qual toda a caterva infernal mercidamente treme, isto é, com o sinal da Santa Cruz. «*E' però bene si costuma fra i veri cattolici segnare i primi loro libri di quel glorioso segno dal qual fugge ogni*

nostro spiritual infernal nemico, e la caterva tutta infernal meritamente treme, dal segno cioè della Santa Croce.

Do *memoriale* eram as partidas levadas para o *giornale*, — o diario.

Devia este livro ser aberto com o inventario e escripturado de modo mais legivel que o *memoriale*, — sem demasias, mas não muito abreviado. A conta de *Caixa* era a primeira que se devia inscrever, sendo creditada a de *Capital*, e depois as demais. As partidas continham sempre, invariavelmente, um só devedor e um só credor — de modo que o registro do capital se fazia com tantas partidas quantos eram os valores activos que o constituíam. Si havia credores, era a conta de *Capital* debitada tantas vezes quantos eram elles, sendo cada um creditado por sua vez numa partida especial. Deste modo recebia a conta de *Capital*, a credito, todo o activo, e a debito, todo o passivo. Não se conheciam essas partidas ou formulas complexas e compostas tão largamente empregadas hoje em dia.

(Continua)

CARLOS DE CARVALHO

V E L H A R I A S . . .

A Unigrafia. _____

A formula $\frac{C. R. T.}{360 \times 100}$ que a maioria dos professores de Contabilidade se limita a ensinar. _____

Reduzir um numero de Libras, schillings e pence, a pence, para achar em seguida o contravalor em escudos, o juro ou a percentagem. _____

Copiar integralmente as facturas nos Diarios de Compras e Vendas. _____

Abrir uma escrituração empregando as formulas «Diversos a Capital» e «Capital a Diversos». _____

A coluna «Aceitante» nos registos de Letras a Pagar dos comerciantes, industriais, agricultores, etc. _____

Fechar o Caixa mensalmente, _____

As contas «Balanço de Entrada» e «Balanço de Saida». _____

Empregar as contra-partidas nos livros auxiliares (excepto no Caixa, quando este livro não seja colunado). _____

O emprego de livros encadernados (excepto os Selados). _____

A conta «Devedores e Credores». _____

Ensinar o aluno a abrir obrigatoriamente, como primeira conta no Razão, a conta de Capital. _____

Cotar os Copiadores de Cartas (existindo os dossiers modernos). _____

O Borrador.. _____

Fazer o movimento de Valores Depositados e Credores por Valores Depositados em livros auxiliares, omitindo os respectivos lançamentos no Diario. _____

Registrar no Memorial, SEN VALOR, a entrada de Consignações de c/Alheia _____

Os indices. _____

Incluir o nosso deposito no Banco na rubrica «Devedores e Credores». _____

FUNCHAL

Carlos José Guerra.

Visado pela Comissão de Censura

A preocupação do ensino comercial não deve ser formar comerciantes, mas sim espiritos orientados em todos os assuntos relativos ao comércio, perfeitamente capazes de tirar partido dos conhecimentos adquiridos, no dia em que deles tiverem necessidade, no exercicio da sua profissão.

E. LEANTEY

CASAS COM SUCURSAIS

(Continuação)

Diario da Sucursal B.

1—Janeiro—1915		
DIVERSOS A CASA CENTRAL Os seguintes valores activos:		
CAIXA		
Dinheiro	1:000\$000	
MERCADORIAS GERAIS		
Em armazem	25:000\$000	
CONTAS CORRENTES		
Saldos devedores	5:000\$000	31 000 000
CASA CENTRAL A CONTAS CORRENTES		
Saldos credores		20 000 000
31—Dezembro—1915		
MERCADORIAS GERAIS A CASA CENTRAL		
Recebidas da mesma		25 000 000
CAIXA A MERCADORIAS GERAES		
Vendas a dinheiro		24 000 000
CASA CENTRAL A CAIXA		
Dinheiro retido á mesma		10 000 000
CONTAS CORRENTES A CAIXA		
Debitos pagos		5 000 000
CASA CENTRAL A CAIXA		
Remetido á sucursal A.		5 000 000
CASA CENTRAL A CAIXA		
Pago por s/ ordem a M. S.		2 000 000
CONTAS CORRENTES A CASA CENTRAL		
Debito de N. N. transferido pela sucursal A.		5 000 000
CAIXA A CONTAS CORRENTES		
Importancias recebidas		2 500 000
CONTAS CORRENTES A CASA CENTRAL		
Credito de P. P. transferido para a mesma		4 000 000
PERDAS E LUCROS A DIVERSOS A CAIXA		
Despesas pagas	2:500\$000	
A CONTAS CORRENTES		
Debito de D. Z. considerado incobavel	500\$000	3 000 000
MERCADORIAS GERAES A PERDAS E LUCROS		
Lucros s/ vendas		2 000 000
CASA CENTRAL A PERDAS E LUCROS		
Prejuizo do exercicio.		1 000 000

Balanco em 31 de Dembro de 1915

ACTIVO		PASSIVO	
Caixa	3 000 000	Contas correntes	11 000 000
Mercadorias gerais	28 000 000	Casa central	27 000 000
Contas correntes	7 000 000		
	38 000 000		38 000 000

CASA CENTRAL

Diario das suas operações

1—Janeiro—1915		
DIVERSOS A CAPITAL		
CAIXA	2:000\$000	
IMMOVEIS.	50:000\$000	
ACÇÕES DE BANCOS	18:000\$000	
CONTAS CORRENTES.	15:000\$000	
SUCCURSAL A.	15:000\$000	
SUCCURSAL B.	11:000\$000	106 000 000
31—Dezembro—1915		
SUCCURSAL B. A CONTAS CORRENTES		
Mercadorias Compradas a M. C. e expedidas á mesma		25 000 000
CAIXA A SUCCURSAL B.		
Recebido da mesma		10 000 000
ACÇÕES DE BANCO A SUCCURSAL A.		
Acções Recebidas da mesma		10 000 000
SUCCURSAL B. A CONTAS CORRENTES		
Debito em c/c. transferido para esta matriz.		4 000 000
CAIXA A ACÇÕES DE BANCO		
Vendas		10 000 000
CONTAS CORRENTES A DIVERSOS A CAIXA		
Nosso pagamento.	13:000\$000	
A SUCCURSAL B. Pago pela mesma por n/o	2:000\$000	15 000 000
CAIXA A CONTAS CORRENTES		
Somma recebida		3 000 000
SUCCURSAL A. A CAIXA		
Somma remetida		10 000 000
CAIXA A PERDAS E LUCROS		
Renda recebida		4 500 000
PERDAS E LUCROS A CAIXA		
Despesas pagas		5 500 000
SUCCURSAL A. A SUCCURSAL B.		
Somma remetida em dinheiro.		5 000 000
SUCCURSAL B. A SUCCURSAL A.		
Transferencia de um credito em c/ corrente.		5 000 000
DIVERSOS A PERDAS E LUCROS SUCCURSAL A.		
Lucro bruto do exercicio.	6:500\$000	
SUCCURSAL B. Idem, idem	2:000\$000	8 500 000

AS AMORTISAÇÕES

No activo duma empresa figuram entre outros valores as immobilizações, ou valores immobilizados, isto é, os que não sendo destinados à troca, são no entanto precisos para a exploração da sociedade.

Estes valores, quer sejam materiais, como: mobílias, edificios, terrenos, maquinas, material, etc., quer imateriais, como: despêsas de instalação, patentes, trespases, etc., representam despêsas efectuadas no início da empresa que não seria de bom critério conservar sempre contabilizados pelo preço do custo visto estarem sujeitos a depreciarem-se com o uso, baixa de preço ou deterioração, ou, levar num só exercício às contas de Despêsas Gerais ou Perdas e Lucros.

Estes valores devem pois suportar anualmente uma diminuição segundo a sua duração ou natureza.

E' esta diminuição que constitui a amortização, que a contabilidade relata anualmente num lançamento por débito de Perdas e Lucros, ou melhor, Despêsas Gerais.

Não se deve confundir a c/ Amortizações ou «Reserva para Amortizações» com as contas de «Reservas» (Reserva Especial, Reserva Legal, etc.).

Estas, são fracções dos lucros liquidos, destinados a aumentar as disponibilidades da empresa e a fazer frente a prejuizos futuros e só podem ser constituídos, quando haja lucros; enquanto que as «amortizações» devem ser efectuadas mesmo quando os resultados da empresa sejam negativos, pois, todos os exercícios — bons ou maus — utilizando-se desses valores, devem suportar uma parte do seu preço.

A amortização, pode ser:

Constante — calculada sobre o valor inicial.

decrecente — calculada sobre o preço do ultimo inventario, isto é, sobre o valor decrescente do objecto.

A amortização constante é a mais prática visto que com ela desaparece a conta do valor, após um tempo antecipadamente determinado.

A taxa de amortização pode ser variavel não só de ano para ano, mas ainda, segundo a conta. Não deve ser tomada de uma maneira arbitrária.

Na industria, sobretudo, deve-se estudar atentamente o coeficiente de amortização a aplicar.

Ha quem indique as seguintes taxas de amortização:

Casas de habitação — 2 1/2 %.

Edificios e instalações industriais, maquinas — utensilios, material — 5 %.

Material rolante, cavalos, autos, camions, bicicletas, mobiliario, potentes — 10 %.

Despêsas de instalação, marcas de fabrica 15 %.

Material de exposição, publicidade, modelos, moldes, desenhos, despêsas de estudo, pequenos utensilios, etc. — 20 %.

Na contabilização, a amortização faz-se geralmente de dois modos diferentes:

Ou coeditando a conta do valor pela importancia da amortização:

Perdas e Lucros:

A Moveis e Utensilios:

Amortização de 10 % s/ Esc.\$.... valor dos moveis existentes conforme inventario -\$.

Ou abrindo uma conta a Amortizações:

Perdas e Lucros:

A Amortizações:

Amortização de 10 % s/ Esc.\$.... valor dos moveis conforme inventario -\$.

A segunda maneira de contabilisar é a melhor porque (o que o 1.º método não fez tão facilmente), as immobilizações figuram nos Balanços pelo preço de aquisição, o que é mais claro, e a conta «Amortizações» mostrará em quanto as immobilizações se encontram amortizadas.

Devemos escolher o segundo modo de contabilisar e para o tornarmos ainda mais claro, desdobrar a conta amortizações em tantos subtitulos ou rubricas, quantas forem as das immobilizações no activo.

Supondo que uma empresa possui no seu activo as seguintes contas de valores immobilizados amortizaveis:

Despêsas de instalação.

Edificio e construções fabris.

Mobiliario.

Maquinas.

Utensilios e ferramentas, etc.,

teriamos que abrir uma conta no Passivo «Amortizações» ou «Reserva para Amortisá-los» dividida nas seguintes sub-contas:

Amortização em despêsas de instalação.

» » Edif. e construções fabris.

» » Mobiliario.

etc.

As amortizações devem ser feitas anualmente, pois elas «não visam somente a salvaguardar a integridade do Capital mas, a pôr de lado somas destinadas a tornar menos pesadas as despêsas futuras, previstas pela reconstituição dos valores immobilizados».

P.

31—Dezembro—1915			
PERDAS E LUCROS			
A DIVERSOS			
A SUCCURSAL A.			
Despesa do exercicio	3:500\$000		
A SUCCURSAL B.			
Idem, idem	3:000\$000	6 500 000	
PERDAS E LUCROS			
A CAPITAL			
Saldo da c/ de Perdas e Lucros		1 000 000	

Balanço em 31 de Dezembro de 1915

ACTIVO		PASSIVO	
Caixa	1 000 000	Contas correntes	14 000 000
Immoveis	50 000 000	Capital	107 000 000
Ações de bancos	18 000 000		
Contas correntes	7 000 000		
Succursal A.	18 000 000		
Succursal B.	27 000 000		
	121 000 000		121 000 000

(Continua)

Carlos de Carvalho.

OPINIÕES SOBRE O VALOR A DAR ÀS MERCADORIAS INVENTARIADAS PARA BALANÇO

(Continuação)

Sobre o valor que se deve dar às mercadorias existentes, divergem as opiniões.

Segundo a de uns, devem as mercadorias ser avaliadas pelo preço do mercado, na ocasião do inventário (1). Segundo a de outros, devem ser avaliadas pelo preço da entrada ou da compra (2).

Fundam-se os primeiros em que o inventário e o balanço servem para se conhecer a posição do comerciante; e que, portanto, para veracidade, deve dar-se a todos os objectos do seu commercio o valor que elles tem na ocasião em que se quer conhecer o estado da sua casa.

Fundam-se os segundos em que o valor da mercadoria, até à ocasião da venda, é o preço da compra, e que, dar-lhe outro valor na ocasião do inventário, é fazer incluir numa época de transacções um lucro ou prejuizo falso, porque qualquer destes resultados só se pode conhecer depois da venda. Este assunto, que a principio poderá parecer insignificante, é de muita importancia, porque as mercadorias existentes fazem parte do activo; e aumentar o valor delas é aumentar o activo.

Sendo o passivo o mesmo, quanto maior fôr o activo, melhor será a posição do commerciante. E se este aumento fôr em grande escala, poderá succeder que um inventário e balanço nos apresente como bom o estado de uma casa, quando elle realmente o não seja.

Tão importantes são, nestes assuntos, os nomes dos autores que apresentam uma opinião, como os dos que apresentam outra.

Portanto, attendendo às observações antecedentes, talvez seja melhor seguir como regra que, *havendo*

diferença entre o preço da entrada ou da compra e o preço do mercado, devemos, no inventário, dar às mercadorias o valor do preço menor.

Do livro «Curso de Contabilidade Commercial», de Rodrigo Afonso Pequito.

Diremos sobre o assunto unicamente o que temos visto fazer na prática.

As mercadorias são inventariadas pelo preço do custo, e algumas por menos, segundo a depreciação que tenham sofrido por varias causas.

Do livro «Escrituração Commercial». — Tratado Technico e Prático por Magalhães Peixoto.

(Continua).

(1) J. J. Jaclot, «La tenue des livres», pag. 98 — «valor estimativo».

A. U. Lujano, «La teneduria de libros», pag. 51.

L. Deplanque, «La tenue des livres», pag. 108 — «valor estimativo sendo o mais baixo possível».

Hippolyte Vannier, «Traité de tenue des livres», pag. 52.

J. M. de Almeida Outeiro, «Estudos sobre escrituração mercantil», pag. 57 — «valor da aquisição e tendo sofrido alteração, pelo valor do mercado».

(2) Gustave Mongin, «Cours de commerce», Nantes, 1856, pag. 202.

C. Adolphe Guibault, «Traité de comptabilité», pag. 23 e 127.

E. De Granges, «La tenue des livres», pag. 111.

J. G. Courcelle-Seneuil, «Cours de Comptabilité», tom III, pag. 28 — «preço da compra ou ainda menos».

Coujon et A. L. Sardou, «Cours complet de tenue des livres», pag. 167 — «preço da compra ou ainda menos».

CONSULTAS JURIDICAS DE COMERCIO

Esta secção foi fundada e é mantida por especial obsequio do Ex.^{mo} Sr. Dr. Abeillard Teixeira para com «A Voz do Comercio». Podem recorrer a ella todos os assinantes deste quinzenario que não estejam em debito.

Só se admitem consultas sobre assuntos commerciaes; todas são gratuitas.

Consulta n.º 4

Ao proceder-se ao balanço duma sociedade anonyma, verificou-se haver dividas incobráveis na importancia de Esc. 200:000\$00

Deseja-se, pois, eliminar ou diminuir aquella verba sem reduzir ao activo.

Pergunta-se:

1.º — Poder-se-há para isso elevar o valor do edificio social?

2.º — Poder-se-há amortisar com o fundo de reserva que é de Esc. 100:000\$00?

Resposta

Parecer: 1.º — No inventário devem descrever-se os bens ou haveres sociais pelo seu justo valor.

Por vezes attribui-se um valor inferior ao valor real para assim se garantir melhor o capital, ou para aumentar o crédito. Não é legal, porém, attribuir-se um valor superior ao valor real, um valor ficticio. Assim, no caso da consulta, só poderá elevar-se o valor do edificio social se este realmente tiver valor superior àquele por que tem figurado nos inventários anteriores.

Deve, no entanto, atender-se a que tal facto pode operar uma modificação no crédito de que a sociedade gose, uma vez que seja conhecido o aumento dos valores anteriores.

2.º — O fundo de reserva é especialmente destinado a integralisar o capital social, sempre que se torne necessario. Assim, é evidente que, se o balanço acusa déficit, êste háde ser coberto pelo fundo de reserva, até onde êste chegar; e se êste fôr insufficiente, a diferença sairá dos lucros de anos futuros até ficar integralizado o capital.

Abeillard Teixeira.

A theoria sem a pratica é inutil, do mesmo modo que a pratica sem a theoria é inconvenientissima porque conduz á rotina — a maior inimiga da perfeição.

Carlos de Carvalho
Contabilista brasileiro.

PROCESSOS MODERNOS, IDEIAS ANTIGAS

Em contabilidade são conhecidos por processos modernos de contabilisação, o sistema dos livros auxiliares, o sistema centralizador, o use das fichas e o emprego das folhas moveis.

Dos processos modernos da contabilisação aqui enumerados, podemos dizer no entanto que eles não representam ideias novas. O seu modernismo consiste nas modificações mais recentes que eles teem sofrido e na difusão da sua applicação.

O uso dos *Livros Auxiliares* é de todos estes processos o mais antiquado pois que ele data de 1550 com *V. Menher* que a eles se refere.

Claude Boyer em 1641 descreve os livros de compras de vendas e de caixa.

Em 1673, *Delaporte*.—Tratadista muito conhecido entre nós quando o sistema de partidas dobradas começou a ser conhecido dos nossos comerciantes (depois de 1759),—fala-nos da passagem directa dos auxiliares ao *Razão*.

Os livros auxiliares são a base do sistema centralizador de que vamos falar e em materia judicial os livros auxiliares fazem em juizo tanta fé como os obrigatorios.

O *sistema centralizador* baseado na applicação das contas colectivas, já definidas em 1817 por *Quiney*, e na pluralidade dos livros auxiliares afastou da contabilidade o uso do *Borrão ou costaneira* e do *Memorial*.

A centralisação dos lançamentos oferece muitas vantagens sobre os outros processos conhecidos (o do memorial, o dos livros auxiliares, etc.) e é actualmente muito usdo nas empresas que utilizam os processos modernos de contabilisação.

Desarnaud publicou em 1821 o primeiro metodo de escrita centralisadora.

Dois seculos, pois, são já passados sobre a ideia da centralisação de lançamentos considerado hoje o processo mais moderno de contabilisação.

As *folhas moveis* applicadas á contabilidade moderna, teem o seu uso cada vez mais difundido, dadas as numerosas vantagens obtidas com a sua applicação, principalmente a classificação metódica das contas.

Em 1817 já *Quiney* aconselhava o emprego de folhas moveis.

As *fichas* na escrituração de alguns livros auxiliares e de contas correntes são tambem muito usadas na contabilidade de muitas empresas.

O emprego da ficha, foi primitivamente aconselhado nos fins do seculo XVIII (1784?), pelo abade *Rozier*, para uso das Bibliotecas.

Georges Bourgeand (1884) é considerado no entanto, como o primeiro propagandista da adaptacão da ficha á contabilidade, muito embora em 1863 *Canderon* já propozesse a applicação de fichas ao inventario continuo.

A ficha, porem, está hoje tão difundida, no seu uso, que até fóra do campo da contabilidade é preconisado o seu emprego.

Como vemos, os processos modernos de contabilisação nasceram todos de ideias antigas.

No entanto, é numa melhor applicação, que estes processos de organisação, contabilista acharam o seu modernismo.

A. Prista Thiago.

Tabela de Litros reduzidos a Galões

Litros	Galões	Litros	Galões	Litros	Galões
1	0,2201	40	8,8040	70	15,407
2	0,4402	41	9,0241	80	17,608
3	0,6603	42	9,2442	90	19,809
4	0,8804	43	9,4643	100	22,010
5	1,1005	44	9,6844	200	44,020
6	1,3206	45	9,9045	300	66,030
7	1,5407	46	10,1246	400	88,040
8	1,7608	47	10,3447	500	110,050
9	1,9809	48	10,5648	600	132,060
10	2,2010	49	10,7849	700	154,070
20	4,4020	50	11,0050	800	176,080
30	6,6030	60	13,2060	900	198,090

Tabela de Galões reduzidos a Litros

Galões	Litros	Galões	Litros	Galões	Litros
1	4,5434	40	181,7360	70	313,038
2	9,0868	41	186,2794	80	363,472
3	13,6302	42	190,8228	90	408,906
4	18,1736	43	195,3662	100	454,340
5	22,7170	44	199,9096	200	908,690
6	27,2604	45	204,4530	300	1363,020
7	31,8038	46	208,9964	400	1816,360
8	36,3472	47	213,5398	500	2271,700
9	40,8906	48	218,0832	600	2726,040
10	45,4340	49	222,6266	700	3180,380
20	90,8680	50	227,1700	800	3634,720
30	136,3020	60	272,6040	900	4089,080

Se perante a crise de caracter que atravessamos (que foi a mais degradante consequência da Grande Guerra), pertence ás escolas o nobre e o principal papel de moralizar as novas gerações, mostrando-lhes que a ganância é um cancro social, como pode qualquer escola cumprir o seu dever sagrado, desde que a verdade, a virtude e a honra sejam consideradas palavras ôcas, arcaicas, irrôrias?

Precisam as escolas de ministrar uma educação bem sã a par duma instrução bem cuidada e segura. E esta instrução, por muito inteligente e applicado que seja o aluno, ha de necessariamente levar o seu tempo, tanto mais que a bagagem de conhecimentos do comerciante hodierno não pode ser a mesma do comerciante de há meio seculo.

Tão grande tem sido a evolução industrial e económica dos últimos tempos, que, se confrontarmos os actuais programas das principais escolas técnicas dos diferentes paizes com os de há 20 anos, notaremos uma colossal diferença.

Não basta ao guarda-livros moderno um conhecimento sucinto de contabilidade. Além das noções gerais de que necessita para não se deslustrar na sociedade, precisa de conhecer bem os assuntos da sua especialidade.

(Do anuario de 1920-21 da Escola Raul Doria).

SECÇÃO LITERARIA, ARTISTICA, MORAL E SCIENTIFICA

ORAÇÃO A PORTUGAL

(Continuação)

Revolução de mil e oito centos e vinte!

Grande Assemblea Nacional Constituinte!

Liberalismo! Fernandes Tomás, Ferreira Borges! *Constituição* e, mais tarde, a certa

Carta, que Pedro IV deu a Portugal com a gentil *soberania nacional!*

depois, a guerra contra D. Miguel, febril, que quis ser rei, mas Pedro, vindo do Brasil,

defende o trono á filha ⁽¹⁾ e vence-o na *Terceira*, e no *Mindelo e Pôrto e Almoester e Asseiceira*,

e recomenda bem que, enfim, depois de morto, dêem seu coração á cidade do Pôrto;

tempo em que se illustrou o Duque da Terceira e o de Palmela e o grão Marquês Sá da Bandeira

e o Duque de Saldanha, até que festival venceu o fúlgido *regimen liberal!* ⁽²⁾

virago rude, rubicunda, de alta fronte, a correr, a bramar, ó *Maria-da-Fonte*,

que ergueste o Minho todo, e so á machadada e a tiros de arcabuz e á foçada e á chuçada,

venceste generais, com ótimo critério, fazendo até cair, sem força, um ministério ⁽³⁾

A peste! e *Pedro quinto* em hospitais entrando com mãos pródigas de ouro e de carinho brando;

Africa! *Serpa Pinto* em grande exploração; depois *Brilo Capelo* e *Ivens* com o pendão

da nossa terra (a fim de que a gente se ufane) vão de *Mossâmedes* além a *Quelimane*;

Mousinho de Albuquerque! um português sem jaça, impetuoso e terno aos borbotões, que passa

à Africa adusta (onde só tem intrepidez e resistência o bom soldado português),

e com *50 homens* rasga matagais, vê *Chaimite*, onde há *3000 pretos* canibais,

e salta e espia e espuma e ruge e desengana e prende um régulo brutai — o *Gungunhana!*

«*31 de Janeiro!*» ⁽⁴⁾ — uma revolução que é logo sufocada; e, após, um turbilhão,

5 de Outubro! mil novecentos e dez! almas em vagalhões de ardor, de lés a lés,

na *Rotunda*, em tropel, com Machado dos Santos, levantando-se, enfim, entre vivas e cantos

e fanfarras, clarins e o canhão marcial, a República em flôr no nosso Portugal!

A *Grande Guerra!* e o Português ⁽⁵⁾ corre a juntar-se aos aliados, atirando sem disfarce,

sem ambições, *serrano* e leve como a corça, «a *Fôrça-do-Direito ao Direito-da-Fôrça*»;

quando um tigre de olhar finissimo, o *Milhões*, varre centenas de alemães aos trambolhões,

com a metralhadora e a intrepidez e o brico, detendo pelotões muitas horas a fio;

e o *Manuel Grande* diz raivoso ao seu tenente: ⁽⁶⁾ «a guerra assim não serve ao português valente!»

quando um *anónimo* esbraveja entre a fumaça, disparando um canhão, aos corcovos, e traça,

com sangue a arder, tanta trincheira em aflição, que um inimigo vem e o vê sem munição.

o olhar em fogo, a boca alvar, o grito rouco, a morder a culatra, inteiramente louco!... ⁽⁷⁾

Remígios do condor! Azas de Portugal!

Gago Coutinho mais *Sacadura Cabral*,

(um com *sciência*, que dá glória, em *seu sextante*, e o outro com a fôrça, e a *audácia* embriagante)

fazem, num curto avião, por sôbre o mar profundo, o vôo mais ousado que houve em todo o mundo,

só porque o velho Portugal, de barba branca, cheio de amor e de ternura, um dia, arranca

o arnês, põe asas, vôa e anseia e vai, gentil, beijar um filho que faz anos ⁽⁸⁾ — o Brasil!

Remígios de condor! Beires e Brito Pais, voando até Macau com azas triunfais!

«*Leão-do-mar*», Portugal, meu canteiro sacrosanto, com *saudades*, riso e pranto, com um *fado* em cada canto e uma *audácia* triunfal; *marujo* alegre e bonito, bemdito sejas, bemdito, desde a Terra ao Infinito, meu valente Portugal!

(Continúa)

Marques da Cruz.

(1) D. Maria II. D. Pedro I, sendo imperador do Brasil, abdicou os seus direitos á corôa de Portugal em sua filha D. Maria da Glória (D. Maria II).

(2) Pela Convenção de Evora Monte em 1834.

(3) Foi o ministério de Costa Cabral. A revolução foi devida á «Lei-da-Saude» (decreto de 18 de Set. de 1844), que instituiu os cemitérios paroquiais, proibindo que se enterrassem gente nas igrejas.

(4) Por causa do «ultimatum» da Inglaterra em 11 de Janeiro de 1890, tirando-nos as regiões de Chire e Nyassa.

(5) Sob o comando de Gomes da Costa.

(6) O tenente Pina de Moraes, autor do livro «Ao paraipeto», onde este dito vem narrado. O soldado Manuel Grande sentia talvez a *voz-do-sangue* dos seus maiores em Aljubarrota e outras batalhas, em que os homens só eram *bons guerreiros* quando eram *valentes*, porque hoje só o são pela *astúcia* e até ás vezes pela *fuga estratégica*.

(7) Caso citado nos relatórios alemães. No monumento da Batalha, está hoje, á maneira do que fez a França pondo-o sob o Arco do Triunfo, o túmulo do «soldado desconhecido». Está na *Sala-do-capitulo* com um lindo lampadário em que se lê: «Portugal eterno nos mares, nos continentes e nas raças, ao seu soldado-desconhecido morto pela Pátria.

(8) Foi em 1922, por ocasião das festas do Centenário da independência do Brasil.

OS GRANDES PROBLEMAS SCIENTIFICOS

Os icebergs e a maneira de os descobrir a distancia

Muito antes que a Terra chegasse áquele periodo que os geólogos convencionaram chamar *primario*, isto é, aquelle periodo em que as aguas depositaram os *terrenos primarios*, acabando pelas camadas mais recentes do ciclo pérmico, era o globo um corpo igneo, uma quantidade enorme de massa fundida animada de um movimento de rotação que, segundo a hipótese cosmogónica de Laplace, grande astrónomo francez, (hipótese geralmente adoptada) adquiriu a forma esferoidal que hoje possui, achatada nos polos e dilatada no equador. Não podendo os elementos daquela massa fundida furtar-se á acção da gravidade, isto é, daquela força atractiva que obriga os corpos a caírem ou a dirigirem-se para o centro da Terra, dispuseram-se eles por ordem das suas densidades, ficando, como é natural, os mais pesados na parte inferior do globo e os mais leves na parte superior.

O calor foi irradiando para o espaço que anteriormente havia recebido a luz emitida pela Terra quando ella era simplesmente um corpo astral, tornando-se a sua temperatura cada vez mais baixa até que se formou uma película solida á sua superficie. Eis como nasceu a crosta terrestre. O esfriamento foi progredindo tornando-se a crosta pouco e pouco mais grossa e consistente, visto que novas camadas solidificadas se iam subpondo á crosta já formada. O nucleu liquido por sua vez ia diminuindo. E as rochas eruptivas (granitos, sienitos, dioritos, etc.) que ficaram espalhadas por toda a superficie terraquea, não são outra coisa senão porções de magma ou massa pastosa que se escaparam pelas fendas abertas na crosta com fraca resistencia ainda para poder suportar a pressão dos gases que se dilatavam sob ella.

Essa magma depois de romper a crosta, solidificava transformando-se nas rochas eruptivas, como acima se diz.

Depois entrou então o globo no seu longo periodo primario, aquelle sem duvida a que se refere o Genesis, o primeiro livro do Pentateuco, nesta passagem: "Terra autem erat inanis et vacua, et tenebrae erant super faciem abyssi; et Spiritus Dei ferebatur super aquas." (1)

No periodo secundário appareceram os reptis e as ammonites (moluscos fosseis) mamiferos e aves; o terciário é caracterizado pelo aparecimento dos primates, isto é, o chimpanzé, o gibão, o gorilla, o orangotango, etc.; no quaternário, que ainda dura, appareceu o homem.

A mesma pressão dos gazes deu origem a movimentos violentos na crosta cujo esfriamento lento continuava, e as contrações successivas da massa interior com maior temperatura sob o peso da capa dura externa obrigando-a a confinar-se nos limites de cada vez mais pequenos dessa capa bem como os movimentos deformatorios da crosta produziram as rugas, as pregas, as fraturas successivas ou sejam as depressões varias de terrenos, os vales no lado dos montes e as concavidades formidaveis que constituem hoje o fundo dos mares.

Muitas das rugas, accidentes ou depressões, mais ou menos consideraveis, foram devidas á erosão fluvial, marinha, glacial, etc.

Quantos elementos quimicos ou corpos simples se combinarem e misturaram durante esta longa operação que teve por objecto a criação do mundo!

A principal mistura que permitiu mais tarde que tivessem vida os animais e as plantas, foi a da atmosfera, corpo gasoso que envolve a terra e é constituído por dois gases principais, o oxigenio e o azote; a combinação mais importante, e que mais particularmente nos interessa, é a da agua, composto quimico em que entram dois volumes de um gaz chamado hidrogenéo (gr. *hudos*, agua e *genés*, que produz) e um de oxigenio. Aquele é um gaz combustivel; este é comburente. O hidrogeneo e o oxigenio que existiam em quantidades inconcebiveis, sujeitos ás altissimas temperaturas que vinham sendo difundidas no globo em via de solidificação e arrefecimento, deram a agua que pouco a pouco se foi condensando em quintilhões de gotas e quando a temperatura permitiu que essa agua permanecesse no estado liquido, a atmosfera lançou-a sobre a Terra cobrindo-a totalmente.

Mas a agua ia-se consumindo nos variadissimos phenomenos geológicos, nas hidratações, nas acções quimicas á custa dela, e então começaram a delinear-se os continentes e as ilhas, continuando o esfriamento até os últimos tempos do hessocénico ou periodo terciário e este esfriamento continuo produziu os glaciários (geleiras) já nos começos do quaternario ou malacénico, em cujo periodo *glaciario* (parte da época quaternaria) formaram-se enormes geleiras das quaes consideraveis porções se fundiram, dando em resultado inundações varias, e embora parciaes, todavia em grande escala.

Nessa época os gelos flutuantes existiam em muito maior quantidade do que hoje, nos mares que possuímos.

Ora, as causas do abaixamento da temperatura que produziu os diversos phenomenos do quaternario que se relacionam com o desenvolvimento dos glaciários, segundo os geólogos, entre eles Croll que apresenta a seguinte teoria que é em resumo: a) a precessão dos equinócios ou seja o movimento retrogrado dos pontos equinociaes que são aqueles em que o sol descrevendo a eclitica (circulo imaginario correspondente á orbita do sol em volta da terra) corta o equador fazendo o dia igual á noite; b) variações lentas por que vae passando o angulo da eclitica com o equador, isto é, a obliquidade da eclitica; c) variações lentas da excentricidade da orbita terrestre.

Croll ampliou a sua teoria com considerações varias que não veem para aqui para não tornar este artigo demasiado longo.

Quando as causas do esfriamento desapareceram, a temperatura foi-se suavizando lentamente até que ficou como hoje está, não devendo ser estranha a esta suavidade de clima os raios solares vivificadores já libertos das camadas espessas de vapores que deviam ter envolvido a Terra por muitos milhares de séculos.

(Continua)

Braz Porto.

(1) Era porem a Terra vazia e as trevas estavam sobre a face do abismo, e o Espirito de Deus era condusido sobre as aguas.

PENSAMENTOS

Esforça te por te comprehenderes e conheceres as causas.

Goethe

O rancor dormiu uma noite com a cobardia. Dahi a nove mezes nasceu a perfidia. O rancor tem dentes de leopardo e a cobardia tem pernas de raposa.

A filha sahio a ambos. Dá dentadas e desata a fugir.

Guerra Junqueiro.

E' feliz quem quer só o que póde e faz só o que deve.

A educação é tão poderosa que chega a domesticar as feras.

Se não houvesse o ferro, o iman não se voltaria para ele; assim, se não houvesse outra vida, os nossos desejos não iriam apoz dela.

Ed. Richer.

Os ricos, affectam de pobres, para não serem importunados; os pobres, de ricos, para alcançarem credito e confiança.

A vaidade é filha da falta do proprio merito; os que o teem, prescindem dela.

A vida do ocioso é como a arvore que vegeta sem dar fructo.

NOTAS DE ARTE

por GUIDO SEVERO

Companhia

ADELINA-AURA ABRANCHES

Despediu-se do publico portuense neste elegante teatro, a Companhia Satanela-Amarante, que, diga-se de passagem, terminou os seus espectaculos em pleno sucesso, coisa bem rara nos tempos de hoje, de profunda crise teatral, provocada pelo desenvolvimento do gosto pelo cinema, dispersão dos artistas e quanto ao genero musicado, tambem pela carencia absoluta de bons elementos vocaes.

E' um caso quasi virgem nos tempos de hoje e que cumpre registrar, pois aquella Companhia findou a sua actuação sem a menor mudança nas «boas casas» que vinha disfrutando ininterruptamente, desde a sua estreia com o «Pão de Ló».

Prova isto tudo que o Publico, o Soberano, o grande juiz em todas as coisas, quando os espectaculos são do seu agrado, não deixa as emprêsas perderem dinheiro.

Agora quando lhe apresentam pessimos originaes com pretensões a modernismos e futurismos, e artistas de terceira ordem que à custa da bolsa de algum argentario, ou, encostados a um outro colega com quem compartilham do mesmo «ménage», conseguiram guindar-se à sidéria categoria de «estrelas» ou «estrelas»... de folha de Flandres, hidrópicos de vaidade e susceptibilidades, com os nomes muito salientes no topo dos cartazes, então o «Respeitavel» há por bem deixá-los a representar para os empregados do teatro, professores de orquestra e gente de «claque».

E então é que não há nada a fazer lhe. Podem anunciar o «Hamlet» ou o «Otelo» em «travesti» no Carnaval, como há pouco se fez aí criminosamente com a «Morgadinha de Val Flôr», que nem a sério nem a brincar foi representada, mas sómente assassinada; podem anunciar nus artisticos, os mais aliciantes e parisienses; os mais cafezais batuques; peças bairristas escritas em calão, etc., etc... que as casas estarão sempre às moscas.

*

Adelina Abranches, o mais glorioso nome do teatro portuense, sacrosanta reliquia dos tempos aureos da Virginia, Lucinda, Rosas Brazão, Ferreira da Silva, etc., gloriosa interprete de «A Mãe», «Ressurreição», «Rosa Engatada», «Uma anedota», etc., ainda hoje nos faz vibrar, ainda hoje nos comove.

Por isso era justificada a anciedade com que o publico esperava a vinda a esta cidade da sua Companhia, que se estreou com a «Maré de Sorte», peça de Ladislau Fodor, de enredo simples, docemente emoldurado num frizo de novela romantica, onde as scenas cómicas alternam com as sentimentais, de modo a fazer secar depressa as lágrimas que comçaram a correr nos rostos mimosos de algumas meninas sensitivas, se é que ainda as há.

Aura Abranches, artista de bom sangue, desempenhou a protagonista com alma e nervos, imprimindo ás diversas «nuances» do seu papel toda a naturalidade.

Alice Ogando, defendeu-se conforme pôde, das agruras do seu trabalho.

Rafael Marques, actor de boa escola, discipulo de Augusto Rosa, trata sempre as suas personagens com carinho, estudando-as e observando-as como artista consciencioso que é.

Tem só o defeito que infelizmente não pode cor-

rigir, de enrouquecer rapidamente, nas longas tiradas declamatorias.

No Barão To naz Ulrich, homem de negocios que não pode perder tempo, da «Maré de Sorte», afirmou mais uma vez nessa interpretação grandes qualidades de estudo e observação.

Pinto Grijó, tirou excellentes efeitos dum tipo cómico.

Sacramento, actor bem conhecido nesta cidade, desde os saudosos tempos da «Noiva e Martir» com Alves da Silva, no Agua d'Ouro, houve-se com segurança, dentro do seu «emploi».

Luiz Filipe, galan ainda bastante indeciso, devido naturalmente ao seu pouco treino de teatro, demonstrou estudo e vontade de acertar.

Os scenarios da peça são luxuosos e os interiores cuidados.

A seguir tivemos «O grande amor», uma peça sincera, vibrante de emoção, onde Dario Nicodemi, o já consagrado dramaturgo italiano, faz a apologia mais nobre e chio de verdade, do doloroso calvário de uma pobre mãe, que vilmente enganada por um cynico seductor, procura através de tudo, durante 9 anos, a filha estremecida, que lhe foi roubada pelo pai.

O drama está bem conduzido e dialogado com puro e sóbrio aticismo, não se espraiaando em inuteis desbordamentos de frase. No desempenho, que é excelente por parte de todos os componentes deste agrupamento artistico, assinala-se no primeiro plano Aura Abranches, que deu todo o fulgor do seu talento dramático, ao papel da torturada Bini, sendo enternecedora a descrição da sua triste e lisseia ao Conde no 1.º acto, a que emprestou valor e arte. Adelina Abranches que se estreou nesta peça, deu nos uma rabugenta professora, papel de que tira os mais desopilantes efeitos cómicos.

Sacramento, dentro do elegante e conquistador Conde sindaco, senhor de uma dicção superior, mostrase-nos um actor que deixa vincado em cada papel que interpreta, o traço firme do seu talento.

Carlos Santos, deu o maior realce á figura do antipatico Machia, é foi um cynico natural, autentico.

Os demais artistas não desmancharam o conjunto.

TEATRO S. JOÃO

José de Brito, o infatigavel secretario da Empresa deste teatro, bombeiro voluntario dos gloriosos tempos de Guilherme Fernandes considerado industrial portuense, «doublé» de distintissimo amator de «bel conto», tem proporcionado esta época aos «dilettanti», uma série memoravel de S-rões de Arte com A grande, do mais transcendente prazer espirital.

Após o grande pianista Backins, tivemos os cossacos do Don, belo agrupamento coral, para se seguirem, o portentoso «virtuose» Ssiget, mago do violino, o insigne concertista portuense Viana da Mota, a declamadora brasileira D. Helena de Magalhães Castro, ás audições das operas de Rui Coelho, compositor de sensibilidade apurada e técnica segura, e, finalmente os concertos sintónicos pela magnifica orquestra do Tivoli, de Lisboa, sob a disciplinadora e proficiente batuta do «maestro» Pedro de Freitas Branco com o concurso de Guilhermina Suggia.

O publico portuense correspondeu ao esforço da emprêsa do nosso primeiro teatro, enchendo-o em todas essas noites, provando assim á evidencia que lhe merecem o mais sincero acolhimento, todas as manifestações do verdadeiro sentimento artistico.

O Vegetariano

Revista Ilustrada de Higiene e Agricultura

Tem **vinte e um** anos de existencia na propaganda da alimentação racional e tratamentos naturais

Inserem secções de culinaria dietética, consultas *gratis* e agronomia prática

Variada colaboração scientifica e literária

Tem produzido milhares de *auto-curas* pela *Natureza* e oferece *grátis* um trimestre de assinatura a quem enviar o endereço bem legível a

O VEGETARIANO
LARGO DOS LOIOS, 50

Porto

ESPECTACULOS E DIVERSÕES

Teatro Sá da Bandeira

Telefone, 2595

EMPRESA ANTONIO CASTRO

Companhia ADELINA-AJRA ABRANCHES

De que fazem parte

Rafael Marques - Sacramento - Carlos Santos

Pinto Grijó - Luz Velozo

EXCELENTE REPORTORIO

Jardim Passos Manuel

Telefone, 1084

Esplendoroso Music-Hall. O melhor recinto de diversões do País. Luxuoso Salão de Festas.

CINEMA E VARIEDADES

FITAS ESCOLHIDAS

Orquestra Jazz sob a direcção do grande artista FERNANDO CARRIEDO

Salão Jardim da Trindade

Telefone, 4418

Rendez-Vouz da sociedade elegante portuense

Soirées Chics

Orquestra Jazz sob a direcção do distinto violinista Efisio Anedda

FILMS ESCOLHIDOS

PROGRAMAS VARIADOS

Olympia

Telefone, 532

Maquina de projecção SAXONIA com um foco duma nitidez perfectissima.

Neste salão são apresentadas sempre as melhores "super-produções,"

Orquestra de concerto primorosa composta de nove professores sob a direcção do insigne violinista LAMY REIS

Aguia d'Ouro

Telefone, 2619

O cinema mais luxuoso do Porto

PROGRAMAS PARAMOUNT

Neste salão dotado de todos os confortos modernos são passadas as fitas de maior renome mundial

MATINÉES ELEGANTES

Concertos pela excelente orquestra composta de 14 professores sob a direcção do *maestro* HORACIO BORGES

Odeon «Cine-Teatro»

Empresa A. da Silva Marta - Telefone, 4850

R. Pnto Bessa (angulo da rua Nova da Lomba)

A mais moderna casa de espectaculos do Porto

Sempre fitas novas

V A R I E D A D E S

Orquestra-Jazz executando os mais selectos programas

Novo Salão High-Life

Telefone, 1407

Praça da Batalha

O cinema mais popular do Pôrto

Peliculas sensacionais

PROGRAMAS ESCOLHIDOS

Orquestra-Jazz dirigida pelo professor Antonio Carvalho

Palacio de Cristal

O cinema mais barato do Porto

na **NAVE CENTRAL** e no **GIL VICENTE**

as terças, quintas e domingos

Chás dansantes

no «dancing» do Restanrant

JANTARES CONCERTOS

todos os dias ás 19 horas

VISITEM O AVIARIO

F. CAETANO DIAS

Capitão de Administração Militar pela E. G. — Expert-Comptable pela E. G. C. de Paris — Do Instituto Superior de Comercio de Lisboa — Professor de Ensino Técnico — Membre correspondant d'Honor da Associação de Contables de Catalunha — Commissario Geral em Portugal do VI.º Congresso Internacional de Contabilidade — Antigo Director da Revista de Comercio e Contabilidade.

PORTUGAL—Largo de D. Isabel, 10—EVORA

E' autor do livro: **COMERCIO E CONTABILIDADE**

Que se publica pela falta no nosso mercado livreiro, dum completo expositor moderno que tratase sucintamente de todos os assuntos que importa saber:

- 1.º — Aos estudiosos, para encontrar coligidos num só volume, os ensinamentos mais modernos, dispersos em revistas e livros de economia, direito, geografia economica, organização, calculo e contabilidade;
- 2.º — Aos que vão encarrear na vida comercial, os conhecimentos teóricos e praticos indispensaveis para poder entrar nessa vida sem maiores dificuldades;
- 3.º — Aos comerciantes, industriais, empregados de escritorio, contabilistas ou não, como guia e consulta, pelos principios modernos de organização e contabilidade;
- 4.º — A todos os interessados, os metodos de trabalho necessarios para satisfazer as exigencias da moderna vida comercial.

Condições de Assinatura

Edição de 64 paginas por cada tomo mensal:

Assinatura de 3 tomos 15\$00 — Para as colonias mais 2\$50 e estrangeiro 5\$00.

Pagamento: no acto de enviar o boletim de inscrição.

Aviso Importante:

A melhor garantia ao pagamento da assinatura, é a qualidade de oficial do exercito do autor, pois os Regulamentos militares o obrigam a satisfazer todos os compromissos.

COMERCIO E CONTABILIDADE

EXTRATO DAS MATERIAS

Comercio — Origem—Evolução—Definição—Função—Operações comerciais —Actos de comercio—Lei comercial—Divisão do comercio—Terminologia comercial em portugês, francês e inglês — O exercicio da profissão comercial e sua restrição — Agencias e representações commerciaes — Balencias — Tribunais de comercio — Camaras de comercio — Camaras de arbitragem — Contratos — Carreiras de navegação — Portos commerciaes — Instituições e locais de comercio — Mercados — Inquerito dos mercados — Feiras — Exposições — Bancos — Bolsas — Armazens geraes — Museus commerciaes — Alfandegas — Concorrença, monopolios e coligações — Crises economicas — Preços, sua formação e calculo dos preços de venda e lucro — Pagamentos commerciaes — Papeis de credito — Divida Publica e classificação dos emprestimos publicos — Correspondencia comercial — Correspondencia telegráfica — Codigo telegráfico e como se reconhece o codigo empregado — Endereços commerciaes — Correio e serviço telegráfico — Estatistica — Publicidade — Politica económica internacional — Formas de desenvolver a exportação e de diminuir a importação — Factores das variações dos cambios etc., etc.

Contabilidade — Mecanica contabilista — Mecanismo das contas — Organologia contabilista — Liberoграфия — Sistemas de contabilização — Inventario e balanços — Problemas de contabilidade — Technica da revisão contabilista — Metodo de ler um balanço — Organização da fiscalisação na vida economica moderna — Peritos — Contabilistas, etc.

Organização geral — Elementos de organização — Organismo material, social e seu mecanismo — Taylorismo — Fayolismo — Contabilização mercantil — Contabilização industrial — Sistemas de salarios — Amortisações — Preço de custo — Contabilidade Publica.

Calculo comercial — Principios matematicos — Medidas e moedas — Operações commerciaes: de emprestimos, de descontos, de cambios — Teoria dos saques — Paridades — Versement — Reports — Deport — Arbitragens — Especulação sobre cambios — Operações sobre mercadorias: Importação e exportação.

“A VOZ DO COMERCIO” recomenda este livro